






POTENCIALIDADE INFANTE NO CINEMA NACIONAL: DISCURSOS E PRODUÇÕES DE CORPOS E ESPAÇOS NA CONTEMPORANEIDADE

Children's potential in national cinema: discourses and productions of bodies and spaces in contemporary

Jéssica Maria **FREISLEBEN**
Centro de Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, Brasil
jessicafreisleben@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3581-3979> 

Rafael Lesses da **SILVA**
Centro de Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, Brasil
lessesrafael@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5063-1041> 

Daniela da Cruz **SCHNEIDER**
Instituto de Letras e Artes
Universidade Federal do Rio Grande
Rio Grande, Brasil
danic.schneider@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5359-666X> 

Mais informações da obra no final do artigo ●

RESUMO

Esta escrita visa destacar a potencialidade infante, compreendida aqui como o sendo aquilo que pode vir a ser, associada à infância - tempo/momento/terreno de possibilidades múltiplas e livres de preconceitos, em produções de curtas-metragens nacionais que exploram e apresentam diferentes representações de infâncias na contemporaneidade, para pensar a educação. Tem-se como problemática: o que essas infâncias têm ainda a nos dizer? O que esses corpos infantes da contemporaneidade ainda instigam e convidam a pensar a educação? A pesquisa se faz e refaz em meio a retalhos discursivos, imagens, falas, narrativas e intervalos, potências que geram reflexões, movimentam o pensamento diante de relações possibilitadas pela metodologia da bricolagem. Os resultados gerados apontam para uma (re)elaboração que se faz não somente na escrita de um trabalho final de Curso de Especialização, mas também na experiência corpórea tramadas a temática pretendida.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias. Educação. Cultura visual. Produções audiovisuais nacionais.

ABSTRACT

This writing aims to highlight the child's potential, understood here as what it can become, associated with childhood - time/moment/ground of multiple possibilities and free from prejudice, in national short film productions that explore and present different representations of childhoods in contemporary times, to think about education. It is problematic: what do these childhoods still have to tell us? What do these infant bodies of contemporaneity still instigate and invite to think about education? The research is carried out and remade amidst discursive patches, images, speeches, narratives and intervals, powers that generate reflections, move thought in the face of relationships made possible by the methodology of bricolage. The generated results point to a (re)elaboration that is done not only in the writing of a final work of the Specialization Course, but also in the corporeal experience plotted the intended theme.

KEYWORDS: Childhoods. Education. Visual culture. National audiovisual productions.

DISCAGENS INTRODUTÓRIAS

A escrita ensaística que aqui se apresenta, surge enquanto ponto de encontro de dois temas de interesse dos escritores, sendo eles: a infância e o cinema. Apresenta-se também, como produto de uma pesquisa realizada para elaboração de monografia, do curso de Especialização em Artes. Interesses que se somaram e que têm em comum a docência, o interesse em fazer da educação um espaço plural, profícuo e potente de experimentações. Dos interesses particulares veio o ponto em comum, o espaço que ocupamos e que trabalhamos para que a cada dia seja mais experiencial e inventivo, a educação.

Neste sentido, optamos pela escolha de dois curta-metragens, disponíveis gratuitamente e de “fácil” acesso na plataforma do youtube, também cabe destacar que, ambos já eram familiares do autor e autoras, pois, são referências utilizadas com recorrência em seminários, apresentações de trabalhos, dentre outros eventos no meio educacional. Desse modo, através dos curtas escolhidos, visamos apresentar diferentes representações de infâncias na contemporaneidade, e almejamos com estes movimentos dar visibilidade à potencialidade infante, enquanto possibilidade de tensionamento e de (re)pensar a educação por uma via mais inventiva.

Convém sublinhar que a cinematografia não dá conta de “representar” toda a realidade correspondente ao nosso cotidiano, entretanto, ela nos possibilita pensar e suspender relações com o contexto social, cultural e político que experienciamos. Assim, a escolha pelo curta-metragem *Vida Maria* (2007), traça relações com uma atmosfera realista presente no Nordeste e outros Estados e municípios do Brasil. Através da animação gráfica, composta por uma paleta de tons terrosos os personagens ganham “vida” e narram a dramaticidade tão presente em nossa sociedade, em que crianças ainda não têm acesso à educação e acabam virando estatísticas num ranking do analfabetismo e de trabalho infantil.

Outra escolha - Disque *Quilombola* (2012), de cunho documental, colorida com a paleta de tons da realidade de uma comunidade quilombola, apresenta outras infâncias, narradas pelas crianças em diálogos e experiências inventivas tecidas por inúmeros recortes do cotidiano.

Nessa escrita compartilhada, selecionamos produções audiovisuais nacionais e convidamos a criança que um dia fomos a escrever conosco. Longe de romantizar a infância ou de acreditar que por si só a criança seja fonte inesgotável de criatividade,

mas por resgatar um espírito explorador de alguém que está descobrindo o mundo, de alguém que não conhece as categorias estabelecidas pelo mundo adulto, e tenta conhecer e entender como e porque as coisas acontecem.

A potencialidade da/na infância nos interessa como modo investigativo e ressignificador, como aquele que vê nos restos e sobras do seu contexto algo que pode ter um outro/novo sentido e utilidade.

Uma escrita que se produz enquanto bricolagem, acionando as posições de sujeitos docentes que ocupam o pesquisador e as pesquisadoras, a partir das materialidades escolhidas: *Vida Maria*¹ (2007) curta-metragem do gênero animação e *Disque Quilombola*² (2012) gênero documentário, memórias de infância e experiências docentes, tramamos a nossa colcha de retalhos. Define-se como *bricoleur* aquele que se utiliza da bricolagem como método de pesquisa, algo que se aproxima da figura de “catador”, proposto por Hernández (2007). Nesse sentido, assumimos a atitude daquele/a que vai catando, compondo, construindo, reconstruindo, costurando a colcha de retalhos que pode ser pensada a partir da bricolagem.

O bricoleur, nas palavras de Denzin e Lincoln (2006, p.18), é “um indivíduo que confecciona colchas [...] que utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance”. Nessa colcha de retalhos, a educação da cultura visual é a lente que usamos para interpretar nossas materialidades.

Pelas interrogações de Fischer (2004) assumimos o lugar de experimentação do pensamento, compondo matérias oriundas de diferentes campos, pretendendo que essa bricolagem possa inspirar pensamento acerca da educação.

[...] até que ponto nos deixamos efetivamente transformar? Até que ponto aceitamos modificar nossas certezas consoladoras? Em que medida revolucionamos nossa alma, deixando-nos liberar o pensamento daquilo que já está ali instalado, pensado, silenciosamente, para ir adiante, convergir a rota, abandonar a serena atitude de quem legitima o que já sabe? (FISCHER, 2004, p. 78).

Desde essa linha, interessa-nos fazer emergir relações entre infância, educação e cinema. Discorrendo muito menos sobre o que são, mas criando uma proposição a partir de uma escrita de pesquisa ensaística. O ensaio, segundo Larrosa (2004),

¹ *Vida Maria* (2007); Curta-metragem, 9min.: categoria animação, disponível gratuitamente na plataforma do Youtube, através do link: https://youtu.be/yFpoG_htum4

² *Disque Quilombola* (2012); Curta-metragem, 13min.: categoria documental, disponível gratuitamente na plataforma do Youtube, através do link: https://youtu.be/GStv-f_bcfU

[...] é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; e o modo experimental por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão de si mesma, a uma permanente metamorfose. (LARROSA, 2004, p. 83).

A partir de Nascimento (2011), entendemos que podemos problematizar as imagens por meio de nossa interação com elas, questionar interpretações existentes, estando atento às condições históricas e criar possibilidades e provocações para que outras interpretações possam se elaborar. Ao encontro do que Hernández (2011) nos faz pensar, como essa representação contribui na nossa construção identitária em relação ao modo de ver-se e ver o mundo? Objetiva-se estabelecer diálogos com produções audiovisuais e não sobre elas, ou seja, acenar para sua potencialidade ativa, e não enquanto mero plano de fundo reflexivo. Sendo assim, os diálogos aqui estabelecidos ecoam em mais de uma direção, que assumem caminhos disformes, postos em relações ativas com produções nacionais. Tem-se como problemática: o que essas infâncias têm ainda a nos dizer? O que esses corpos infantis da contemporaneidade ainda instigam e convidam a pensar sobre a educação?

Assumimos o ensaio como forma de escrita, por compreendê-lo como também escritas de si, orientados pela perspectiva de que a docência é exercício de si, que vai constituindo-se no contato. Assim, é preciso assumir certo coeficiente de experimentação dos modos de pensar e elaborar-se docente. Acreditamos que a conjugação entre as potências poéticas da infância e os efeitos do deixar-se contaminar pelos artefatos culturais - aqui curta-metragens - podem acionar as proposições de práticas formativas *de* e *com* Arte como lugar de experiência, buscando cultivar o brilho no olho e a curiosidade infantil, de possibilitar o prazer que geralmente temos ao apreciar um filme. O texto estrutura-se desde eixos propositivos, deslocando e criando diálogos fragmentos dos curtas-metragens e as proposições feitas aqui. Isso tendo em conta que: "pensar de outro modo exige escrever de outro modo, que nossa vontade de outro pensamento é inseparável de nossa vontade de uma outra escrita, de uma outra língua" (LARROSA, 2004, p.41). Ou seja, sublinhar e suspender caminhos, potencialidades que movimentam o pensamento, para além das vias de verdades absolutas e reducionistas.

Tomada 1 – Chamada perdida

Ao explorar as potencialidades do curta-metragem *Disque Quilombola* (2012), ficamos diante de uma narrativa que transcorre na relação, essas potencialidades apresentam-se nessa escrita, sobretudo, em seus subtítulos que foram pensados e apresentados enquanto ligações telefônicas. Sendo assim, comendo diante do lúdico abordado no curta, em que a narrativa acaba tecida pelas crianças que vivem no Estado do Espírito Santo em uma comunidade quilombola, tendo seus diálogos mediados através de um telefone sem fio, feito com duas latas e uma linha que transpassa paisagens e lugares povoados pelas infâncias quilombolas. A centralidade de *Disque Quilombola* é tomada pela singularidade inventiva, partilhada individualmente e coletivamente entre as crianças, ou seja, os diálogos que tecem recortes do mundo experienciado são narrados e corporificados por aquilo que as mesmas querem verbalizar e questionar, sem qualquer interferência ou silenciamento de certo e errado verbalizado por um adulto. Neste sentido, pensando diante desses movimentos inventivos, discamos algumas possíveis discussões com autores e teóricos que nos auxiliam nesse diálogo entre fios que transpassam paisagens docentes.

Nossas materialidades primárias constituem-se de imagens em movimento, sendo assim, a partir delas podemos acessar realidades e espaços alheios aos nossos, desse modo, a partir de produções audiovisuais o nosso rol de possibilidades aumenta. Conforme pontuado por Fresquet (2013, p. 19),

[...] O cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante no espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. Ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante do nosso conhecimento imediato é possível. A tela de cinema (ou do visor da câmara) se instaura como uma nova forma de membrana para permear um outro modo de comunicação com o outro (com a alteridade do mundo, das pessoas, das coisas, dos sistemas) e como o si próprio. A educação também se reconfigura diante dessas possibilidades.

Sabe-se que as produções em que crianças e diferentes infâncias são exploradas são inúmeras, entretanto, aquelas em que infâncias brasileiras contemporâneas são apresentadas de alguma forma, não são tantas. Neste sentido, diante de um recorte, duas produções audiovisuais, curta-metragens, sendo eles: *Vida Maria* (2007), e *Disque Quilombola* (2012), pretendemos analisar noções de infâncias, posturas e condutas construídas e apresentadas em produções audiovisuais para esses corpos infantis na contemporaneidade e com isso, pensar, de modo provocativo e inventivo, a educação. Nos deparamos com infâncias contemporâneas em espaços circunscritos, muitas vezes

invisibilizadas, nesse sentido, analisar posturas, condutas e corpos infantis nesses espaços torna-se essencial para analisar a diversidade presente em nosso país e contribuir no entendimento de infâncias contemporâneas.

Diante destas demarcações, convém destacar que as produções audiovisuais em relação à história, contexto social, cultural e político nem sempre dão conta de abarcar o todo ocorrido cronologicamente ou com veracidade dos fatos, ou seja, conhecemos recortes e fragmentos daquilo que nos apresentam enquanto passado, presente e futuro. Conforme sublinhado por Núñez (2010, s/p),

[...] algunos historiadores han sido llamados por la industria editorial para escribir una historia que "le interesara a la gente", es decir una historia vendible, que en la práctica ha implicado la renuncia a toda problematización en favor de la construcción de cuadros exóticos y postales del pasado.

Neste sentido, as produções audiovisuais tramam-se a esta escrita não somente enquanto recorte de verdade ou realidade, mas sim como uma potencialidade que pode movimentar o pensamento e questionamentos diante da temática proposta.

Após o sinal, diga seu nome e a cidade de onde está falando!

Convém sublinhar que é diante de uma via documental, transpassada por uma narrativa inventiva infante, que *Disque Quilombola* (2012), parece discar ao espectador através de movimentos que rompem a quarta parede da cinematografia. Assim, através do olhar das crianças e seus recortes de relevos e paisagens o espectador é convidado a conhecer e adentrar a comunidade quilombola em seu cotidiano. Sendo assim, as crianças narram sua vida naquele espaço através de suas danças, canções e brincadeiras. Ações mediadas por um telefone sem fio, que ramifica, sobrepõe, dilui e recompõem inúmeros diálogos, ou seja, transpassam e constituem outros discursos junto ao coletivo.

- Trimm! Trimm!
- Alô! (Talisson)
- Alô! (Kauã)
- Alô! (Maria)
- Alô! Quem fala? (Maia)
- Quem tá falando? (Débora)
- Maia! (Maia)
- Débora! (Débora)
- Kauã! (Kauã)
- Maria! (Maria)
- Talisson! (Talisson)
- Vocês moram onde? (Débora)
- Aqui no São Cristóvão! (Kauã)
- No morro! (Talisson)
- No sertão nordestino. (Maria)

- No São Cristóvão. (Débora)
 - E como é aí em cima? (Maria)
 - E aí tem vaca? (Maia)
 - Tem cobra, cachorro do mato? (Talisson)
 - Tem piscina? (Débora)
 - E o que tem de bom aí? (Kauã)
 - Vários tipos de árvores. (Maia)
 - Não passa muitos carros. (Maria)
 - E tem muito mais coisas. (Maia)
 - E do que vocês brincam? (Débora)
 - De bola! (Kauã)
 - Boneca. (Maia)
 - Pega-pega. Pião, pipa! (Talisson)
 - E você, Maria? (Maia)
 - Eu não brinco muito não. (Maria)
 - Mas por que não? (Talisson)
 - É que a mãe não deixa, eu tenho que ajudar em casa. (Maria)
 - Mas você é criança e criança tem que brincar. (Kauã)
 - Mas eu sou menina e menina ajuda a mãe na casa, foi assim com a mãe, com a avó e vai ser assim comigo. (Maria)
 - Que pena, Maria. (Maia)
 - Maria, venha visitar a gente, vamos te ensinar muitas brincadeiras. (Débora)
 - Tenho que ir, a mãe tá chamando. (Maria)
- (Diálogo ficcional entre as crianças do *Disque Quilombola* e Maria, de *Vida Maria*, criado pelo autor e autoras).**

Sobre um horizonte tomado pelo ocre cálido, Maria por um breve momento empunha em sua mão um pedacinho de lápis tomado pelas farpas, desenha uma janela para a realidade ainda presente em nosso país no que diz respeito às infâncias. E assim vemos a sina se repetir... Maria tem sua infância atravessada pelos afazeres domésticos e compromissos da vida adulta. Conduzida pela mãe e pelo meio social, a largar os estudos para somente trabalhar e ajudar nos afazeres domésticos. Assim a narrativa vai “escorrendo” diante do ambiente familiar as discursividades das cenas transpassadas pelo ocre acabam pouco a pouco invadidas pela palidez que compõe o cotidiano e o desenvolvimento (crescimento) da menina de 5 anos que continua não tendo a oportunidade e incentivo para aprender a escrever o próprio nome. Movimentos de “poda” que são reforçados na relação silenciosa de Maria diante da seguinte fala da mãe: “Em vez de ficar perdendo tempo ‘desenhando o nome’, vá lá fora arranjar o que fazer!” (Curta-metragem; *Vida Maria*, 2007, Recorte em 0:59 / 09:00).

Discursos que sublinham distintos abismos sociais, tramados a fatores econômicos, políticos, educacionais e culturais. Assim, somos instigados a pensar: Quantas crianças têm sua infância atravessada e interrompida pela vida adulta? Enquanto outras estão protegidas dos males e afazeres da vida adulta. Há os que se apegam à infância idílica e sentimental, prendem-se às memórias afetivas de quando eram crianças, e há os que pensam nas infâncias como potência, criação, inventividade, lugar de experimentação. O fato é que estamos diante de uma multiplicidade de infâncias, seja nas representações inúmeras advindas das pedagogias culturais, seja

nas definições coletivas oriundas de processos sociais e discursivos, conforme nos aponta Buckingham (2002). Dessa forma, pensamos que é possível e potente parar de tentar definir a infância a partir daquilo que lhes falta. Ainda conforme Buckingham (2002, p. 10),

As crianças são definidas como uma categoria particular, com características e limitações particulares, tanto por si mesmas como pelos outros - pais, professores, pesquisadores, políticos, planejadores, agências de bem-estar social e (claro) os meios de comunicação. Essas definições são codificadas em leis e políticas; e se materializam em formas particulares de práticas sociais e institucionais, que por sua vez ajudam a *produzir* as formas de comportamento vistas como tipicamente "infantis" - ao mesmo tempo que geram formas de resistência a elas.

Com isso, percebemos e reforçamos o papel cultural e social essenciais na construção da noção de infância, sendo, atualmente, a educação básica como um todo e os meios de comunicação fortemente determinantes nessas definições. Temos em mente a premissa "de que 'a criança' não é uma categoria natural ou universal, determinada simplesmente pela biologia." (BUCKINGHAM, 2002, p. 10). Mas sim, de que as infâncias se constituem em pluralidade e tramam-se a cultura de um povo, algo perceptível nas materialidades selecionadas nesse texto, em que as infâncias são múltiplas e diferentes a depender do período histórico, de suas culturas e de grupos sociais alheios. Portanto, as definições não são fixas, e estão em constante processo de luta, negociação e reformulação.

Alô, quem fala?

Disque Quilombola (2012), possibilita pensarmos nessa infância inventiva, de escuta, de olhar sensível, que corre solta, de pés descalços, que desenha nas nuvens e se debruça diante da imensidão das possibilidades, relacionando-se com os espaços e corpos que encontra em seu entorno e para além dele.

Pensar em infâncias na contemporaneidade, seus espaços no agora, é pegar pela mão a criança que fomos outrora, é brincar de bola, subir na árvore, empinar pipa, brincar de boneca, correr de pés descalços, é correr para dentro de uma poça d'água formada após a chuva sem receio de sujar os calçados, é pular corda ao tramar-se de experiências com nossas infâncias. Diante destes movimentos somos interpelados por constâncias, por experiências que nos atravessam, contaminam, inquietam a todo o momento (LARROSA, 2002). Torna-se impossível nos desvincularmos das mesmas, pois estas, estão arraigadas naquilo que passamos a ser em diálogo/contato com o

experienciado. Assim, convém sublinhar que entendemos o corpo enquanto uno, ativo, potente e não um mero receptáculo carnal de sentimentos, corpo que é ponto de encontro onde tudo transforma, cria, recria, dialoga com outros corpos e espaços, ou seja, “[...] que não está separado do que ele apresenta como possibilidade de ser quando está em ação no mundo” (GREINER, 2006, p.16). Afinal, “o corpo é inseparável da sua própria história no fluxo da vida” (GREINER, 2006, p.20).

Mas o que essas infâncias têm ainda a nos dizer? O que esses corpos infantis da contemporaneidade ainda instigam e convidam a pensar a educação? Questionamentos que brotam e se reconfiguram diante do cinema e suas potencialidades: “[...] podemos pensar no cinema como uma máquina de pensar, de produzir pensamentos, de atravessar a história, o tempo, o espaço, o real, o possível, o imaginário, o sonhado”. (FRESQUET, 2007, p.45). Desta forma: “Somos estimulados na nossa capacidade criativa, e o mundo pode se mostrar como fonte inesgotável e multifacetada de significados”. (OMELCZUK; FRESQUET; SANTI, 2015, p. 389).

Se através de um telefone sem fio as infâncias do *Disque Quilombola* (2012), discassem para a infância de *Vida Maria* (2007), que diálogos seriam possíveis? O que Maria José contaria sobre seu cotidiano no sertão cearense? O que as crianças da comunidade quilombola São Cristóvão, em São Mateus, norte do Espírito Santo, contariam a Maria José? Que corpos e infâncias seriam produzidos nessas relações?

Cabe destacar que esta escrita convida a criar questionamentos e provoca inquietações. Se permite a movimentar o pensamento diante das potencialidades infantis. Ou seja, põem-se para além de apontar verdades reducionistas ou até mesmo buscar por respostas. Vias de verdades estabelecidas e legitimadas junto a academia, Larrosa (2003), em seus escritos sinaliza algumas percepções sobre os dispositivos, entendidos enquanto engrenagem de dominação de um saber único, estanque. Convidando-nos a tencionar sobre tais movimentos validados que também se articulam enquanto segregativos em determinados espaços diante daqueles que se opõem ou não seguem o estipulado e reconhecido como verídico.

“PERDENDO TEMPO DESENHANDO O NOME”: SONHOS, PALAVRAS... CORTE RÁPIDO PRA REALIDADE

Através de *Vida Maria* (2007), curta-metragem de gênero animação, abre-se uma janela para que conheçamos a pequena Maria, que diante da realidade do seu cotidiano depara-se constantemente com o discurso de “poda” da mãe, lugar este onde não existe

“margem” para a inventividade infante. Neste contexto, Maria é privada da experimentação de rabiscar o próprio nome em uma folha de papel ou até mesmo de criar um espaço potente para ser criança. Sendo assim, neste contexto de repressão a menina que apresentava um grande interesse em desenhar com as letras em um velho caderno pouco a pouco passa a acreditar que naquele contexto familiar isso não é relevante.

Sabe-se que a criança não perde tempo, ela inventa o tempo para fazer o que lhe interessa e desperta sua atenção. Com o lápis da imaginação desenha possibilidades, (re)cria lugares, espaços, momentos e objetos, não se mantêm nas barreiras da realidade das coisas. A preocupação com o tempo do agora é coisa de adulto, de adulto que tem pressa e cumpre tarefas. De adulto que, por vezes, em seu cotidiano poda infâncias, priva-se do próprio ser criança. Se analisarmos a sua construção histórica, a infância foi se constituindo a partir da exclusão, na compreensão dos adultos para aquilo que a criança não consegue fazer ainda. No entendimento adulto, “a criança é definida, desse modo, como um processo de ‘tornar-se’, a idade adulta é vista como um estado acabado, no qual o desenvolvimento efetivamente cessou.” (BUCKINGHAM, 2002, p.15). Nesse sentido, o adulto sente-se no dever de orientar e determinar o que a criança pode e deve fazer, e acaba por determinar a infância a partir do que ela ainda não é, e de modo inevitável, monopolizam o poder de definir a infância.

Pensando etimologicamente, a palavra “infância” tem origem no latim *infantia*, do verbo *fari* = falar, onde *fan* = falante e *in* constitui a negação do verbo. Portanto, *infans* referem-se ao indivíduo que ainda não é capaz de falar, daqueles que “raramente têm a oportunidade de fazê-lo em âmbito público, nem mesmo sobre assuntos que têm a ver diretamente com elas” (BUCKINGHAM, 2002, p. 14). Assim, os contextos nos quais podem falar são controlados pelos adultos, as respostas que podem dar e as atitudes que podem ter, e inicia-se assim, um processo de recusa, resistência ou abandono daquilo que queriam fazer e falar, como vemos em *Vida Maria* (2007), o abandono precoce do processo de aprendizagem das letras. Já em *Disque Quilombola* (2012), o convite a falar é lançado às crianças, elas compartilham suas perguntas curiosas, provocadoras e desestabilizadoras, típicas de quem quer conhecer e compreender o mundo.

Sob o ato de “perder tempo desenhando o nome” somos instigados a pensar a escrita e a leitura como momentos dinâmicos costurados diante do mesmo processo, “o da compreensão e o do domínio da língua e da linguagem”. (FREIRE, 1981, p.30).

Neste sentido, Oliveira sublinha que "A morte e vida estão no poder da língua" (2013, p.283). Afinal,

Se O praticando que se aprende a nadar;
Se O praticando que se aprende a trabalhar;
É praticando também que se aprende a ler e a escrever;
Vamos praticar para aprender e aprender para praticar melhor
Vamos ler Povo" (FREIRE, 1981, p.29).

Com isso, percebemos como Maria não perde tempo, pois Maria está aprendendo a escrever e a ler. Maria dedica seu tempo ao que lhe importa... ela pratica, pois quer saber mais, quer dominar esse processo, quer ser alfabetizada, mesmo sem entender tudo o que isso significa. Diante destes movimentos Freire (1982, p. 5) em seu livro *A importância do ato de ler* nos diz que, em,

[...] uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Sendo assim, podemos sublinhar que a leitura da palavra pode ser compreendida neste contexto como sendo o conjunto de letras e códigos que irão constituir as palavras, já por sua vez a leitura de mundo estará relacionada ao emaranhado de situações e elementos onde as palavras serão tensionadas, postas em relação com a realidade em que estão inseridas, onde as ramificações transbordam as próprias letras, vazam o código das palavras.

Alô! Alô! Quem é? Alô! Quem fala?

Há uma multiplicidade de vozes a serem ouvidas, sobretudo quando o assunto é falar daquilo que mais entendem: infância. E mesmo com esclarecimentos da contemporaneidade, a criança nem sempre tem a voz escutada para compor os discursos legitimados sobre ela. E a partir dessa multiplicidade de vozes percebemos que estamos diante de um cenário diferente, estamos desconstruindo a ideia de que a criança é aquela que não tem voz. Philippe Ariès (1981), através de seu estudo histórico nos faz questionar a infância como fenômeno natural e universal e nos leva a entender a sua construção, social, cultural e política. De acordo com o autor, a infância, como entendemos hoje, foi construída na Modernidade e que as infâncias encontradas na contemporaneidade diferem bastante em alguns aspectos, pois passamos por muitas

mudanças históricas e sociais ao longo dos séculos e as tentativas de excluir ou proteger as crianças demasiadamente do mundo adulto, da violência, do comercialismo e da política foram e são pontos determinantes e que ainda dividem opiniões.

Entendemos que a infância é uma construção social, com isso, precisamos entender também sua definição como dependente dos contextos históricos, sociais e culturais com características e necessidades diferentes, as quais precisam sempre ser levadas em consideração. Segundo Steinberg e Kincheloe (2001), são as grandes corporações, incluindo as midiáticas, que têm produzido a cultura infantil contemporânea e estabelecido o que vem a ser a infância atualmente. Esse entendimento vai ao encontro do que aponta Mariângela Momo (2007), ao dialogar com Rosa Maria Bueno Fischer (1997), no sentido de que a mídia possui uma função pedagógica, que não pode mais ser entendida apenas como um veículo de informação. O contato das crianças com as mídias na atualidade pode ser entendido como uma realidade em expansão. Entretanto, não pode ser tomado como única realidade, prova disso são as infâncias apresentadas nos curtas selecionados.

É evidente que, nas últimas décadas, a noção de infância vem mudando, e muito se deve ao contato com as mídias, tecnologias e *internet*. Nós, adultos, historicamente, buscamos decidir o que é, ou pode vir a ser “infância” e “ser criança”, e torna-se difícil não tentar resgatar ou usar como modelo a infância que vivenciamos. Diante disso, muitas vezes, ficamos num jogo comparativo e saudosista, podendo deixar escapar as potencialidades daquilo que se delinea na atualidade. Empenhados em definir o que é infância, abrimos poucos espaços para escutar o que as próprias crianças entendem sobre isso. Nas palavras de Buckingham (2002 p.15), “se a infância é definida, desse modo, como um processo de ‘tornar-se’, a idade adulta é vista como um estado acabado, no qual o desenvolvimento efetivamente cessou.” Enquanto as crianças não atingirem esse estado, então lhes falta algo para que possam partilhar do mundo adulto. E, dessa definição, decorre uma separação entre crianças e adultos, em que crianças, muitas vezes, são excluídas daquilo que adultos consideram ser do mundo adulto.

Não podemos negar que adultos definem e direcionam seus discursos sobre infância a outros adultos e que, após a metade do século XIX, esses discursos ganharam maior proporção. “Talvez de modo inevitável, os adultos sempre monopolizaram o poder de definir a infância” (BUCKINGHAM, 2002, p.13), mas aos poucos, as crianças estão sendo convidadas a falar por si mesmas, em alguns âmbitos, estão conquistando esse empoderamento e, segundo alguns autores, é graças às mídias ou através delas que estão conseguindo.

O descobrimento ou reconhecimento da concepção de infância é recente e simultâneo ao surgimento de instituições protetoras das novas gerações. Contudo, crianças sempre existiram, mas nem sempre se teve a preocupação com elas em suas dimensões sociais e culturais, independentemente das concepções que se tinham delas, conforme estudo histórico de Ariès (1981). Ainda conforme estudo, fica evidente que os processos históricos que envolveram a infância foram diversos no correr dos séculos, e por isso, uma definição absoluta se tornaria equivocada. Segundo o autor, a ideia de infância como um período peculiar das nossas vidas não corresponde a um estado natural inerente à condição humana e sim a uma construção da humanidade atrelada às particularidades históricas.

Conforme Ariès (1981), a descoberta da infância se dá no século XIII, e sua evolução na iconografia ocorre nos séculos XV e XVI. A partir do final do século XVI e durante o século XVII, torna-se significativa a produção artística sobre a infância. As imagens selecionadas e analisadas por Ariès, assim como tantas outras, fornecem pistas para conhecer as *infâncias* da época e produzir significados sobre elas.

Diferentemente desses modelos, atualmente, deparamo-nos com outras infâncias, oriundas de uma diversidade de vivências de uma geração eletrônica e digital. Segundo Momo (2007, p. 138), palavras como vírus, febre e mania tornam-se comuns ao se tratar de infâncias, dadas as aproximações com a mídia e o consumo e, que na contemporaneidade, as crianças não só consomem como também são produtoras de culturas. Isso porque o acesso às informações e aos aparatos tecnológicos, redes sociais de compartilhamento de imagens, audiovisuais, narrativas, etc., são praticamente instantâneos.

Um quintal de possibilidades

Assim como as crianças, o poeta Manoel de Barros (2015, p. 45), também escolhe como matéria aquilo que é simples, os objetos e coisas que não têm valor de troca (parafusos, latas, galhos, lagartixas e formigas), pois:

As coisas que não levam a nada
tem grande importância
coisa ordinária é um elemento de estima
cada coisa sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral (BARROS, 2015, p. 45).

Eles ampliam o mundo vivido para um mundo imaginado. Manoel de Barros faz dos restos potência para a sua poesia, enquanto as crianças de Disque Quilombola usam as sobras e descartes para inventariar brinquedos, brincadeiras e histórias. Na arte esse olhar inventivo e ressignificador são essenciais para o fazer artístico. Mas será que tratamos a docência com tamanha inventividade e brilho no olho? Será que somos capazes de criar outro mundo em nossas salas de aula, dentro de um mundo maior que é a escola, com suas regras, objetivos e horários? Será que conseguiríamos partir dos restos e descartes e inovar no fazer pedagógico? Às vezes nos pautamos em demasia na didatização e isso pode desencorajar a imaginação da criança e a nossa no fazer docente.

Para o poeta, a chave para se compreender a criança está nas nossas “raízes crianceiras”, naquilo que o adulto considera insensatez e absurdo na criança, o poeta encontra sua essência. Ele revisita sua infância, resgata brincadeiras e nos possibilita imaginar, criar e transgredir. Com esse passado ele problematiza o presente e permite que nos aproximemos do jeito de pensar infantil. A criança na poesia de Manoel de Barros como elemento essencial para relativizar o olhar endurecido do adulto, olhar esse presente em *Vida Maria* (2007), que não percebe e permite a aprendizagem das letras e do mundo que Maria de Lurdes tanto ansiava. Em “Campeonato”,

Nos jardins da Praça da Matriz, os meninos urinavam socialmente.
A gente fazia campeonato pra ver quem mandava urina mais longe.
O menino que mandasse mais longe era campeão.
Mas não havia taça nem medalha.
Um as gurias iam ver por trás dos muros a competição.
Acho que elas tinham alguma curiosidade ou inveja porque não podiam participar do campeonato.
Os meninos ficavam sérios como se estivessem defendendo a pátria naquele momento.
As meninas cochichavam entre elas e corriam de lá para cá, rindo.
O campeonato só era diferente da Fórmula Um porque a gente não tinha patrocinadores (BARROS, 2001, s/p).

Na poesia, Manoel de Barros (2001, s/p), recorda uma brincadeira de sua infância, que nos permite perceber a capacidade que as crianças têm de criar seus jogos, independentemente das intenções dos adultos e da utilização de brinquedos que a indústria produz para elas. Essa capacidade é vista também em *Disque Quilombola*, quando as crianças utilizam latas e fios e criam seus telefones e a partir disso compartilham informações com seus pares.

Assim como para o poeta, talvez possamos pensar na infância como um tempo que pode se fazer presente na vida adulta, uma vez que abre espaço para a imaginação, a fantasia, a criação e um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas. Como

podemos observar em *Disque Quilombola* (2012), distante do olhar adultizador, as crianças utilizam o quintal de casa para brincar, dando espaço para a inventividade e experimentação. Neste sentido, a narrativa transcorre diante da também ressignificação de alguns materiais encontrados no terreno de chão batido da comunidade quilombola, chinelos velhos são cortados e acoplados junto às tampinhas de garrafas pet e sob um “novo” formato tornam-se rodas de carrinhos formados por pedaços de madeira. A inventividade corre solta tecendo uma narrativa em que as crianças são protagonistas, locutoras que narram e descrevem suas percepções diante do espaço em que vivem e das relações estabelecidas em diálogo com demais corpos. Já em *Vida Maria* (2007), o quintal vasto tomado pelo amarelo ocre, não tem espaço para inventividade nem para mundos imaginários, afinal a pequena menina vive sob o olhar adultizador da mãe. E sobre esse ponto, cabe ressaltar o que provoca Oliveira (2008),

Desse modo, dificilmente será possível negar que o olhar do adulto pouco consegue apreender da experiência infantil que, embora tenha sido por ele vivida, não pertence mais a ele porque se transmutou em outra espécie de experiência. A criança é então, para o adulto, um outro, mas ainda é um outro que vive uma experiência que já lhe é alheia e exterior, o adulto fala da criança de um lugar que tem muito mais de externo do que de interno. (OLIVEIRA, 2008, p. 245-246).

Como assumir a infância não como passagem para a vida adulta, mas como possibilidade de nutrição de uma atitude criadora, que se empenha em reinventar o mundo, habitando versões menores da realidade brutalmente dada? Essa e tantas outras perguntas que emergem nesse texto não pretendem dar respostas, mas instaurar a vontade de re-criar o mundo, desde *uma gramática expositiva do chão* (BARROS, 2015), e das possibilidades que aí se gestam.

Alô, gostaria de falar com a sua infância, ela se encontra?

Se pudéssemos discar no tempo presente para a criança que fomos um dia, o que ela nos diria? Para este diálogo poderíamos convidar a pequena Maria de 5 anos que em *Vida Maria* (2007), tem sua infância (inter)rompida pela própria mãe e seu olhar adultizador, que no decorrer da narrativa sinaliza a postura diária que rasga o direito da menina experimentar sua própria infância, inventiva e criativa. Uma fenda em sua existência, que impossibilita que Maria (adulta) reconheça a importância de escrever o próprio nome e experimentar a inventividade diária de ser criança diante da criação dos seus filhos, ou seja, Maria segue transpassada pelos discursos da matriarca da família, não consegue fugir e ver além da fenda que lhe foi causada pela mesma, em sua

infância. Tropeçando novamente na repetição discursiva de sua mãe e, diante de seus filhos dá continuidade ao ciclo e perpetuação da produção de corpos infantes desvinculados de direitos básicos como a educação e de experienciar o espaço que habitam para além dos afazeres e obrigações domésticas. A mãe, ali, é menos a figura materna, transmutando-se na força do discurso social, que reproduz nos corpos a força da palavra.

Se a infância de Maria pudesse discar a ela ou até mesmo se a nossa infância pudesse nos discar (telefonar) no agora, talvez nos convidaria a olhar pela janela, desenhar nas nuvens, ou até mesmo diria para nos banharmos na chuva sem receio de molhar-se ou sujar os calçados nas poças de lama. Talvez diria como o poeta/criança Manoel de Barros (2010), que o nosso quintal é maior que o mundo, ou seja, nele cabe todo e qualquer universo e espaço se assim imaginado.

Posto isto, "Entende-se que a estética e a técnica do cinema podem auxiliar na reflexão sobre as diferentes formas de se viver a infância e na (re)construção de olhares diversos sobre a criança" (MARCHI; OLIVEIRA; SANTOS; SANTOS, 2015, p.838). Neste sentido, convém sublinhar sobre as potencialidades do cinema e nos movimentos gerados na relação com espectador. Deste modo,

O cinema, portanto, é um veículo capaz de causar reflexão e possibilidades de transformação, na medida em que integra as várias dimensões humanas – dimensão ética, política e estética – que implicam diretamente na maneira que expressamos nossas posturas cotidianas e políticas em relação às concepções que temos do mundo que nos cerca. (MARCHI; OLIVEIRA; SANTOS; SANTOS; 2015, p. 837).

Sabendo que o cinema cria sua narrativa sob fragmentos da realidade cotidiana ou até mesmo sob fragmentos imaginados, convém grifar que o mesmo não dá conta de "abraçar" toda a verdade e realidade existente, entretanto, independente das vias abordadas nas narrativas o cinema consegue movimentar e inquietar nosso pensamento diante ao exposto e apresentado por ele.

Aguardando ligação...

- Trim m! Trim m!
- Alô! (infâncias)
- Alô! Quem fala? (cinema)
- Gostaríamos de falar com a docência, ela se encontra? (infâncias)
(Diálogo ficcional entre infância, cinema e educação, criado pelo autor e autoras).

Diante desta ligação poderíamos suspender e tencionar algumas vias. Afinal, quais diálogos e questionamentos seriam possíveis nesta chamada entre as infâncias e

a docência? Será que a infância nos questionaria sobre nossos planejamentos pedagógicos? Será que nos indagaria sobre o uso do livro didático diariamente, em detrimento de outras estratégias que transpassam o campo da experimentação e experiência? Será que nos questionaria sobre os modos avaliativos? Sobre a utilização de giz e quadro verde como recursos exclusivos? Será que nos interpelam sobre práticas destituídas de sentido e que não possibilitam experiências? Sobre fazer sempre o mesmo, independentemente do lugar e contexto em que se está? Será que nos questionaram no que diz respeito ao nosso entendimento e compreensão sobre as infâncias?

No decorrer do texto convidamos e fomos convidados e convidadas a visitar infâncias múltiplas, plurais, inventivas, desrealizadas, curiosas, inquietas... queremos com isso, fazer um convite a desnaturalizar práticas docentes e ter mais dessa potencialidade infante e inventiva na educação. De modo que usemos menos o planejamento de outros anos e mais aquilo que o contexto necessitar, que o livro didático, usado frequentemente nos primeiros anos do ensino fundamental, venha dar suporte e não ser o único recurso pedagógico, que práticas pedagógicas e artísticas sejam instigantes, que permitam a criação, a reformulação, a composição com acasos e restos, que permita uma bricolagem e multiplicidade de vozes. Que possamos usar materiais e materialidades diferentes, que possam dar vez e voz às crianças, que possamos conhecer seus pontos de vista e hipóteses possam ser testadas. No fazer dessa escrita percebemos a natureza mutante da infância e que nosso modo de conduzir/ser docente também pode ser mutante. A educação se faz no processo, almejamos que possa ser um processo permeado por experiências, de brilho no olho, de descobertas, de maravilhar-se com as coisas, cheio de inquietações e provocações, com menos certezas e verdades absolutas, e mais diversas, com olhar crítico e sensível ao que nos rodeia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É pela linha que *Vida Maria* e *Disque Quilombola* se unem, para além de qualquer exercício conceitual sobre infâncias. Primeiro, trata-se de linha pela materialidade desta escrita: ela propõe uma linha de criação, que vai enredando os sentidos de infância presentes nesses curtas-metragens, bem como evocando as variações desses sentidos, situando-se à parte da univocidade dos discursos sobre a infância. É também preciso dizer da linha que percorre o papel de Vida Maria. O desejo de colocar a sua palavra no

mundo (Freire, 1982), faz as Marias inaugurarem um ponto inicial: o lápis marca um ponto inicial e a palavra vai surgindo, enquanto o desenho da letra. E aí, o desenho da letra é linha habitada por uma história que repete vidas, revelando a impossibilidade de variação das condições e das materialidades de produção de outras linhas.

Disque Quilombola propõe a linha como conexão. Faz a linha variar pelos meandros da interculturalidade. Aproxima-se de Maria quando revela um Brasil da infância periférica, mas visibiliza aí a potência de criação da infância, da sua habilidade em propor linhas de relação e formas de habitá-las. Os dois curtas mostram modos diferentes de encarar e abordar a infância. Mas não buscamos oposições, mas essa diferença como possibilidade de criar sentidos, proposições e formas de pensar a educação por entre noções de infância. O que se produz aí é a necessidade de cultivar uma docência que se perfaz pela capacidade da crítica e da reflexão, mas que ao mesmo tempo permite criar e esperar.

Sabe-se que a infância possibilita visualizar e tensionar inúmeros caminhos que instigam e movimentam o pensamento. Neste sentido, mais que lançar um olhar sobre caminhos transpassados por “verdades” e reafirmações demarcadas por teóricos, teóricas, pesquisadores e pesquisadoras que dizem do cinema, infância e produções de corpos na contemporaneidade é compreender que estas vias de potencialidades suspendem questionamentos e tensionamentos que ainda estão por vir em uma imensidão de possibilidades. Ao dialogar com as infâncias, por vezes, esquecemos que: “Nosso aprendiz é um viajante que se detém o tempo necessário nos lugares de seu interesse, desfruta do encontro inesperado e sente-se atraído pela intensidade da experiência mais do que pela quantidade de “fotos” que reúne” Hernández (2007, p. 95). Afinal é com um olhar (BERGER, 2007), afetado e transpassado por nossas relações pessoais, individuais e coletivas que realizamos (re)composições e ressignificações diárias. Assim, *Vida Maria* (2007), e *Disque Quilombola* (2012), nos convidam a pensar e tensionar a pluralidade dos corpos infantis na contemporaneidade que a seu modo borram caminhos. Por fim, acreditamos que a conjugação entre as potências poéticas da infância e os efeitos do deixar-se contaminar pelos artefatos culturais - curtas-metragens - podem acionar as proposições de práticas formativas *de* e *com* Arte como lugar de experiência, buscando cultivar o brilho no olho e a curiosidade infantil, de possibilitar o prazer que geralmente temos ao apreciar um filme.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillippe, **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ:LTC, 1981.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BUCKINGHAM, David. **Creceer en la era de los medios electrónicos**. Madrid: Ediciones Morata, 2002.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n 2, p. 59-79, jul./dez. 1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. IN: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo. Cortez. 1982.

FRESQUET, Adriana. **Imagens do desaprender: Uma experiência de aprender com o cinema**. Rio de Janeiro. Book Link; CINEAD-LISE-FE/UFRJ. 2007.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.) **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011, p. 31-50.

MOMO, Mariângela. **Mídia e Consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (Tese de Doutorado) Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. Singularidades da educação da cultura visual nos deslocamentos das imagens e das interpretações. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.) **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011, p. 209-226.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do discurso**: Perspectivas teóricas. 1ºed. São Paulo. Parábola, 2013.

OLIVEIRA, Paula Ramos de. Filosofia e Infância: entre o improvisado e a criação. IN: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (orgs). **Filosofia, Aprendizagem, Experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

LARROSA, Jorge Bondia. O ensaio e a escrita acadêmica (Online). **Educação e Realidade**, 2004, p. 101-115.

LARROSA, Jorge Bondia. Notas sobre a experiência e o saber de experiência (Online). **Revista Brasileira de Educação**. 2002, p. 20-28.

OMELCZUK, Fernanda; FRESQUET, Adriana; SANTI, Angela, Medeiros. Educação, cinema e infância (Online) **Interface**: Comunicação saúde educação, 2015 p.387-394.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

POTENCIALIDADE INFANTE NO CINEMA NACIONAL: DISCURSOS E PRODUÇÕES DE CORPOS E ESPAÇOS NA CONTEMPORANEIDADE

Children's potential in national cinema: discourses and productions of bodies and spaces in contemporary

Jéssica Maria Freisleben

Mestrado em Educação
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, Brasil
jessicafreisleben@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3581-3979>

Rafael Lesses da Silva

Mestrado em Políticas Públicas e Gestão Educacional
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, Brasil

lessesrafael@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5063-1041>

Daniela da Cruz Schneider

Doutorado em Educação
Instituto de Letras e Artes
Universidade Federal do Rio Grande
Rio Grande, Brasil

danic.schneider@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5359-666X>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Arnaldo Jaeger nº 7, CEP 95735-000, Roca Sales RS, Brasil. Rua são Lucas, nº 323, CEP 98910-000, Três de Maio, RS, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: J. M. Freisleben, R. L. Silva, D. C. Schneider.

Coleta de dados: J. M. Freisleben, R. L. Silva.

Análise de dados: J. M. Freisleben, R. L. Silva.

Discussão dos resultados: J. M. Freisleben, R. L. Silva, D. C. Schneider.

Revisão e aprovação: D. C. Schneider.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 23-11-21 – Aprovado em: 02-11-22